

O ICT-DIEESE

O Índice da Condição do Trabalho (ICT-DIEESE) é um indicador criado pelo DIEESE que busca sintetizar a situação do trabalho no país. Foi desenvolvido a partir da base de dados da PnadC/IBGE.

A criação do ICT foi motivada pela necessidade de se entender o mercado de trabalho não somente por meio dos indicadores mais tradicionais, como taxa de desocupação e renda, mas também a partir da relação entre esses indicadores. Em outras palavras, o ICT busca analisar a interação dos indicadores do mercado de trabalho de forma a construir um indicador síntese, que reflita a qualidade desse mercado.

Isso significa, por exemplo, que a redução da desocupação e uma queda da renda do trabalho são mensuradas de forma conjunta, mesmo sendo o primeiro um fator positivo e o outro, negativo. Procura-se, dessa forma, qualificar os movimentos do mercado de trabalho a partir da interação entre os indicadores, entendendo que eles são vinculados uns aos outros. O ICT visa a sintetizar esse quadro.

São três as dimensões do ICT-DIEESE:

- Condição da inserção ocupacional: que leva em conta aspectos da proteção trabalhista e previdenciária, bem como a rotatividade no trabalho;
- Desocupação: aspectos e duração da taxa de desocupação;
- Rendimento: por meio dos valores e principalmente da distribuição, a partir da aplicação do *Índice de Palma*, que quantifica as diferenças entre os menores e maiores rendimentos.

Quanto à interpretação e análise, o indicador não define a condição ideal do trabalho, apenas indica que quanto mais próximo o valor do índice estiver de 1, melhor a situação geral do mercado de trabalho e, quanto mais próximo de zero, pior.

Para mais detalhes, consulte nota metodológica disponível em: <http://www.dieese.org.br>.



ESPECIAL
1º trimestre de 2012
a 2º trimestre de 2022
17/01/2023

ICT-DIEESE:

ICT- Condição da
Inserção Ocupacional
ICT-Desocupação
ICT-Rendimento

Comportamento do ICT entre 2012 e 2º trimestre de 2022

A economia brasileira, entre 2012 e 2022, pode ser resumida da seguinte forma:

- De 2012 até 2014: apesar de apresentar taxas inferiores às da década anterior, os indicadores de renda e mercado de trabalho mantiveram-se relativamente constantes;
- De 2015 a 2019: recessão e estagnação. A lentidão com que a economia brasileira se moveu afetou negativamente os indicadores do mercado de trabalho. Aumentaram as taxas de desocupação e piorou a qualidade do emprego, com queda da renda, crescimento da informalidade, da subocupação e do desalento;
- Período pandêmico (a partir do 2º trimestre 2020) e posterior: a queda do PIB brasileiro, devido à pandemia, e a resposta lenta e tímida do governo diante da gravidade do problema afetaram a economia e tornaram mais vagarosa a recuperação do país. Houve impacto no mercado de trabalho, que foi sendo distendido a partir da reabertura. A economia foi retomada em ritmo contido, com alta inflação;

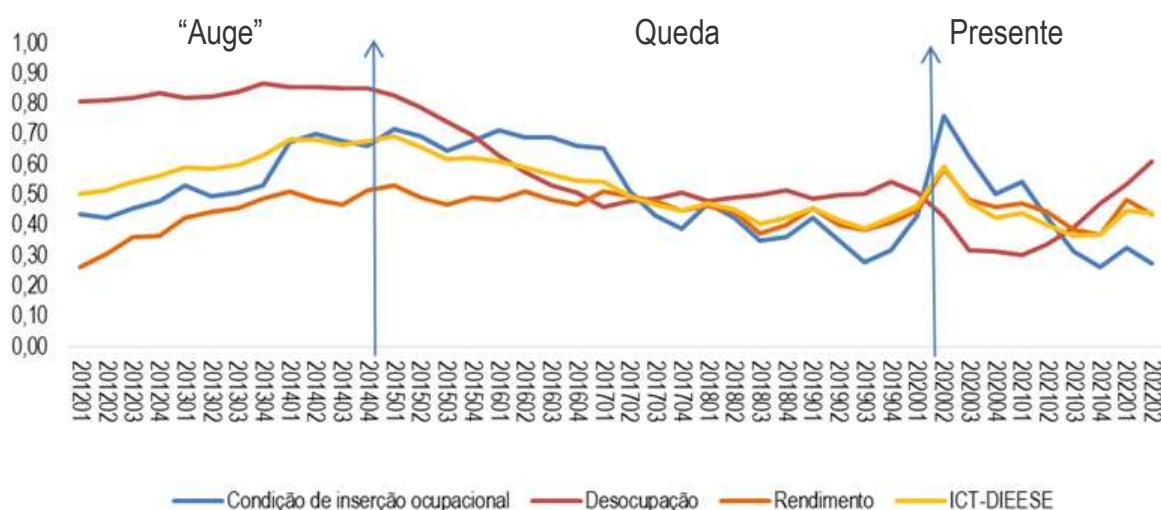
Entre 2012 e o 2º trimestre de 2022, o ICT-DIEESE pode ser dividido em pelo menos três fases:

- Ascensão e auge: período que vai de 2012 até o final de 2014, quando se observaram os melhores

indicadores do mercado de trabalho, como baixa taxa de desocupação, alta nos rendimentos (incluindo o salário mínimo com ganhos reais) e aumento do assalariamento formal em detrimento de outras formas de relação de trabalho. A média do ICT foi de 0,61;

- Queda: iniciada a partir de 2015 e prolongada até final de 2019. Trata-se de um período no qual ocorreu forte crise econômica no biênio 2015-2016, com reflexos negativos no mercado de trabalho. A reforma trabalhista de 2017 pouco contribuiu para reverter esse movimento. O ICT médio no período foi de 0,50;
- Pandemia e momento atual: a partir de 2020, especialmente com o início da pandemia de covid-19, houve inicialmente melhora *espúria* do indicador, com queda brusca e pontual da população economicamente Ativa (PEA) e da informalidade, nesse caso, devido às restrições às atividades econômicas e à locomoção. O emprego formal, embora também afetado pela pandemia, foi mais protegido com o Programa de Manutenção do Emprego (BEm). Com a retomada da economia, o ICT passou a apresentar relativa estabilidade em relação à fase pré-pandemia, mas não antes de atingir o pior resultado da série histórica, no 3º trimestre de 2021. O valor médio do ICT-DIEESE é de 0,44 no período.

GRÁFICO 1 - ICT-DIEESE e dimensões - Brasil - 1º trimestre de 2012 a 2º trimestre de 2022



Fonte: IBGE. Pnad Contínua trimestral. Microdados
Elaboração DIEESE

Resumo do comportamento do ICT

O exame dos grandes movimentos do ICT-DIEESE elucidada, através da identificação de pontos-chave, interações entre o ambiente econômico e o mercado de trabalho como um todo, em conjunturas específicas. Contudo, torna-se importante a desagregação do indicador a partir de suas dimensões, de forma a se compreender melhor quais foram os determinantes desse desempenho.

A dimensão desocupação foi a que apresentou maior variação no período, colaborando sobremaneira para a volatilidade do indicador. A oscilação da desocupação se deveu ao impacto da desaceleração econômica pós-2015 e à pandemia. No período pandêmico, mesmo com redução da população economicamente ativa (PEA), a taxa de desocupação aumentou. Com o início da reabertura econômica, em fins de 2020 e início de 2021, a desocupação passou a declinar, principalmente a partir do segundo trimestre de 2021.

Já a condição de inserção ocupacional apresentou movimentos similares aos descritos na desocupação, com avanços até 2014 e piora no período pós-2015. Por outro lado, no período pandêmico, ocorreu clara

divergência de trajetórias, principalmente por causa de mudanças substanciais na PEA: houve queda na ocupação, de forma mais acentuada para pessoas com vínculos informais e/ou conta própria. Assim, muitos dos que permaneceram no mercado de trabalho eram ocupados com vínculos formais e, com isso, cresceu a participação desses trabalhadores em relação ao total. É nesse sentido que pode se afirmar que houve *melhora espúria*. Ao se iniciar o processo de reabertura mais completa da economia, a partir do fim de 2020 e início de 2021, o indicador voltou a piorar, como era observado anteriormente, com a retomada do trabalho informal e por conta própria em ritmo superior a outras formas de relação do trabalho.

A dimensão rendimento, por sua vez, refletiu de forma mais discreta essas oscilações, tanto de melhora até 2015 como de piora posterior. Também apresentou um ponto de excepcionalidade devido à pandemia, com alta, e pelos mesmos motivos descritos na dimensão condição de inserção ocupacional, ou seja, de redução dos ocupados informais e por conta própria, que, no caso, são geralmente os de menor renda, pelo menos em comparação com o assalariamento formal.

Contexto atual

O ICT-DIEESE tem refletido de forma desequilibrada as diferenças entre as dimensões. Dito de outra forma, enquanto no período pré-pandêmico havia similaridade de direção entre as dimensões, com diferenças de intensidades, desde a pandemia, há divergência.

Como mostra o Gráfico 1, houve um “descolamento” entre a dimensão desocupação e as demais: isso se deve, basicamente, ao fato de que enquanto as taxas de desocupação têm se reduzido, como reflexo da reabertura econômica, o aumento da ocupação ocorre principalmente sob a forma de trabalho informal, mais precarizado e com menor proteção social e trabalhista, o que afeta a dimensão inserção ocupacional e também a dimensão rendimento, uma vez que o trabalho tende a ter remuneração menor.

O resultado dessa dinâmica é que nem a queda da taxa de desocupação foi suficiente para fazer frente à deterioração das outras dimensões - renda e condição de ocupação. Ou seja, o ICT mostra que a redução da taxa

de desocupação ocorreu diante de forte deterioração da qualidade do emprego, situação em que os vínculos informais e por conta própria sem registro tiveram maior preponderância na comparação com as relações formais, dinâmica que, por sua vez, tem impedido o crescimento dos rendimentos médios, pois diz respeito a vagas com pior inserção ocupacional e menor renda.

Portanto, o desempenho do ICT-DIEESE reflete principalmente o aumento da precarização do mercado de trabalho na recessão pós-2015, agudizada pela reforma trabalhista de 2017. O período pandêmico contribuiu para melhorar o índice de forma *espúria* e a normalização das atividades a partir de 2021 fez apenas com que o ICT voltasse aos mesmos baixos níveis anteriores. Isso acontece apesar da queda da taxa de desocupação, uma vez que os postos de trabalho gerados são mais precarizados e com menor renda. Ou seja, a análise do mercado de trabalho a partir do ICT-DIEESE não deixa dúvidas sobre a piora na qualidade dos empregos e a dificuldade que o país tem para sair desse cenário desde 2015.